



## **Dunga x Alex Escobar: jornalismo esportivo em debate** **Por: Márcio Guerra<sup>1</sup>**

**Resumo:** Este texto tem como objetivo trazer a discussão dos caminhos do jornalismo esportivo a partir da polêmica estabelecida a partir do atrito do técnico Dunga, da Seleção Brasileira e o jornalista Alex Escobar, da TV Globo, durante uma coletiva. O trabalho parte da observação de três blogs de jornalistas esportivos e analisa a reação dos internautas, que trazem a tona questões referentes à prática do jornalismo. Reflexões apaixonadas, fundamentadas (outras nem tanto) e que colocam em debate, muito mais a imprensa esportiva do que o fato em si. A forma como o torcedor reagiu ao episódio chama a atenção e merece uma reflexão mais aprofundada.

**Palavras-chave:** imprensa; jornalismo; cobertura

### **Relembrando**

O Brasil acabara de vencer a Costa do Marfim, por 3 a 1, na primeira fase da Copa do Mundo da África. Já havia vencido o primeiro jogo, portanto, classificado para a próxima fase, por antecipação. Faltava o jogo com Portugal, mas o que poderia ser uma coletiva tranqüila acabou gerando uma crise a mais na relação de Dunga e a imprensa brasileira. Aliás, um relacionamento conturbado desde que o treinador foi convidado a assumir o cargo, com o agravamento a partir da polêmica convocação da Seleção para o Mundial.

Dunga estava no meio de uma resposta quando percebeu o jornalista da Rede Globo, Alex Escobar, balançando a cabeça negativamente. Dunga perguntou qual o problema, ouviu como resposta que nenhum e que não ele, Escobar, não estava se dirigindo a ele. O jornalista acabara de receber uma ligação do companheiro de emissora Tadeu Schimidt e a reação era em relação ao que tinha recebido de informação por celular.

Alguns dizem que ele tinha sido informado que o treinador teria negado uma entrevista exclusiva para a TV Globo, apesar da autorização de Ricardo Teixeira, presidente da CBF. Fato não confirmado pela emissora, mas divulgado na internet como uma das versões para o balançar de cabeça de Escobar. A partir do “diálogo” Dunga e Escobar, o treinador passou a ofender o jornalista durante todo o restante da coletiva,

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação pela UFRJ, Mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ; Especialista em Marketing pela Fundação Machado Sobrinho. Professor Associado da Universidade Federal de Juiz de Fora na Faculdade de Comunicação, onde leciona na graduação, pós-graduação stricto sensu. Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Esporte da Intercom. Diretor da Produtora de Mídias da Faculdade de Comunicação da UFJF e da Rádio Facom/UFJF.



inclusive com alguns palavrões vazando pelo áudio pra o mundo todo. Ainda no final, Dunga foi em direção aos jornalistas e continuou as ofensas.

A TV Globo, no Programa Fantástico, divulgou editorial lido pelo jornalista Tadeu Schimidt. A vitória por 3 a 1 passou a disputar espaço na mídia brasileira e internacional, especialmente nos blogs e editorias, com os jornalistas (em sua maioria, censurando o comportamento do treinador. Postadas as opiniões, chegou a vez do público e, curiosamente, em meio aos defensores de um ou de outro (Dunga e Escobar). Foram escolhidos quatro blogs (Paulo César Vasconcelos, Marcelo Barreto, Luis Nassif Online e Lédio Carmona), um artigo no Observatório da Imprensa (texto do jornalista Geraldo Muanis) e a página de opinião do jornal O Globo de 27 de junho de 2010.

A partir destes textos o foco da pesquisa passou a ser a discussão travada pelos leitores, com atenção restrita aos comentários relativos à prática do jornalismo, a ética, aos “negócios” do esporte.

### **O lado da imprensa**

No blog de Paulo César Vasconcelos destacamos as seguintes colocações do jornalista: *“Mas não é apenas a ausência de Kaká que o Brasil tem a lamentar. O comportamento de Dunga na entrevista coletiva, xingando o jornalista Alex Escobar e ofendendo as pessoas que acompanhavam pela televisão, merece mais reparos e lamentos do que o fato de o Kaká não poder entrar em campo na sexta-feira em Durban.... Quando senta diante das câmeras e microfones, o técnico da Seleção Brasileira precisa entender que tem um compromisso com o torcedor....A grosseria de Dunga suja a sua imagem junto a quem o defende, ofende a Seleção e o torcedor Brasileiro”*.

Já do texto do jornalista Marcelo Barreto em seu blog destacamos: *“Já foi dito que o cargo é mais importante do Brasil depois do Presidente da República. Exageros à parte, trata-se de uma curiosa combinação de cargo privado, indicado pelo presidente da CBF, e não pelo voto – com responsabilidades públicas. O cidadão brasileiro que recebe essa honra precisa antes de traçar qualquer setinha no quadro negro, entender que vai precisar prestar contas ao torcedor brasileiro – o que sempre se fez por intermédio dos seus imperfeitos porta-vozes, os jornalistas esportivos... O técnico da Seleção Brasileira na Copa de 2010 rompeu todas as barreiras do cargo que ocupa... Acredito nele como treinador... não acredito nele como figura pública e o triste episódio de ontem foi a última prova que faltava de que um cidadão que ocupa hoje um*



*cargo tão importante não soube separá-lo de sua vida privada...Ao xingar um jornalista, depois da vitória (a vitória!) de ontem, o técnico da Seleção Brasileira- não apenas o cidadão que ocupava o cargo- xingou todo e qualquer brasileiro que estivesse assistindo a entrevista coletiva... Alguns desses comentaristas culpam a imprensa pelos arroubos do técnico da Seleção Brasileira. Acho vago esse conceito de “a imprensa”. Jornalistas somos vários. Há os que começam suas perguntas nas entrevistas coletivas com frases como: “eu sou do time dos que torcem pela Seleção”, para ver se caem nas graças do treinador. E há os que se preocupam com a qualidade da informação que levam aos seus leitores, ouvintes ou telespectadores. Alex Escobar é um deles”.*

O blog Luis Nassif Online traz um texto de João Sabóia Jr traz uma informação de Maurício Stycer e outra de Paulo Vinícius Coelho, o PVC. No primeiro, de Stycer a revelação: *O Uol esporte apurou que a Globo negociou diretamente com Ricardo Teixeira, presidente da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), entrevistas exclusivas com três jogadores da Seleção, entre os quais Luís Fabiano. As entrevistas iriam ser exibidas durante o programa “Fantástico”, domingo, horas depois da partida com a Costa do Marfim, vencida pelo Brasil por 3 a 1. Dunga vetou o acerto. O incidente entre Dunga e Alex Escobar ocorreu quando o jornalista conversava ao telefone com o apresentador Tadeu Schmidt exatamente sobre esse assunto. O técnico percebeu o que ocorria e perguntou: “Algum problema?”. Escobar respondeu: “Nem estou olhando para você, Dunga”. O técnico replicou em voz baixa, o suficiente para ser captado pelo microfone a sua frente: “Besta, burro, cagão!”.*

Já Paulo Vinícius Coelho diz: *Um erro não justifica o outro. Mas o acordo da principal emissora de TV do país com a maior esfera de poder do futebol brasileiro evidencia a falência do jornalismo. Incrível como as pessoas perdem a noção da responsabilidade de dar informação. Ela não pode estar vinculada a acordos, trocas, favores. Jornalista não tem amigo, nem inimigo. Tem fonte. Se for diferente, a troca de favores indica um dos lados a idéia de que terá alguma coisa em troca, a omissão de uma informação comprometedoras ou a divulgação de um fato favorável... No veículos sérios, as notícias são dadas de acordo com a sua relevância editorial. A indicação de um acordo entre a cúpula de uma emissora ou jornal com uma esfera de poder, qualquer um, tira a credibilidade de qualquer outra informação veiculada por esse meio de comunicação... Triste que gente, dentro e fora da profissão, não tenha a noção do papel do jornalista.”*



No blog de Lédio Carmona ele se posiciona da seguinte forma: *“Na verdade, ao mirar em Alex Escobar, Dunga queria mesmo é acertar toda a imprensa. Como fez em 1994, quando, no momento em que erguia a taça do tetra, disparou toda sua mágoa, ira e ressentimento contra o mundo da mídia. Perdeu o tempo dele. Ontem, hoje e provavelmente amanhã... A imprensa não é santa. Aqui mesmo na África do Sul há vários representantes da mídia brasileira que vacilam, perguntam mal, provocam, irritam, incitam e procuram levar uma resposta atravessada. Mas isso não permite a alguém,( nem ao Dunga), que ultrapasse os limites do bom senso, do comportamento justo e das boas maneiras durante uma coletiva.*

### **O lado do torcedor**

Já com esses textos teríamos muito que refletir sobre o jornalismo esportivo. Mas vamos abrir espaço para algumas observações feitas pelo público nestes blogs. O critério de escolha não se prendeu a opiniões a favor ou contra, mas todas as que faziam menção à prática jornalística.

Um participante do blog Luis Nassif Online chama a atenção para um aspecto relevante sobre a realidade do futebol, a sua transformação em um grande negócio, onde interesses econômicos estão em jogo. *“Vamos deixar de ser ingênuos. Futebol hoje no mundo inteiro é business. Ficar falando mal da Globo, que deslocou 300 pessoas para a África do Sul, além de técnicos e equipamentos apenas para cobrir a Copa, e levantar o moral da Seleção. Vocês têm idéia de quanto isso custa por dia? Aliás, que se saiba,ninguém alisa tanto nossos jogadores como o jornalismo da Globo, inclusive inventando reputações. Isso faz parte do business, e se estivéssemos lá faríamos o mesmo, ou tentaríamos fazer o mesmo que eles”.* Certo que aqui há uma confusão do que seja business e jornalismo. *“inventar reputações”* não é e nunca foi o papel do jornalismo, mesmo tempos de futebol-negócio.

Outro coloca que, independente da questão de gostar ou não do trabalho de Dunga, o torcedor deveria cobrar o mesmo dele que se cobra de outros treinadores agressivos com a imprensa. *“Todos ficávamos abismados com as patadas proferidas pelo técnico Muricy Ramalho durante o comando do São Paulo, e achamos um absurdo o que o Maradona falou após classificar-se à Copa. Há modos de ser independente, de não descabem para essa baixaria perpetrada pelo Dunga”.* O torcedor sobra uma questão pouco debatida pelos torcedores e pela imprensa neste episódio, que é a relação conflituosa entre imprensa e treinadores, ou melhor, entre treinador e imprensa, que já



se arrasta, com a conviência dos jornalistas, que ofendidos como Escobar, já vem sendo há um tempo.

Outro torcedor, neste mesmo blog, tenta chamar a atenção dos torcedores para a reação de alguns jornalistas que foram contra Escobar e que falaram desse acordo da Globo com Ricardo Teixeira. *“Tenho aqui minhas reservas e penso, sem medo de errar, que se os jornalistas envolvidos tivessem sido da Record, a atual queridinha da turminha, estariam todos em pé de guerra, rufando tambores contra o técnico brasileiro, cujo título homenageia o anão errado da estória da Branca de Neve, deveria ser o zangado”*. O torcedor aponta para a questão de concorrência e também para certa prevenção contra a Globo que costuma vir já da própria faculdade.

Um participante, de nome Marco Aurélio fala o seguinte: *“O ambiente de futebol é altamente profissional, caso contrário, um ‘bom moço evangélico’ como o Kaká não sobreviveria. Basta ver os interesses por trás do espetáculo, os milhões que estão passando e a valorização dos passes. O futebol, dentro de campo, pode ser uma batalha, mas uma entrevista coletiva não. Não é porque o fato ocorreu com um profissional da Globo que a turminha deve dar razão ao treinador”*. Vejam que o termo “turminha” é repetido, numa referência à corporação jornalística.

Outra opinião interessante é a do internauta, Giovanni, neste mesmo blog. *“Entrevista coletiva é uma coisa, pode até render um furo de reportagem, é mérito do repórter. Acordo é outra coisa, é uma associação, e não existe ‘associação’ entre fonte e reportagem, e dessa forma, deixa de ser notícia e passa a ser ato combinado”*. Um ponto de vista interessante, mas que também merece questionamento: a negociação do repórter ou produtor por uma entrevista exclusiva também não passa por um ‘acordo’ ou ‘combinação’?

Em meio a opiniões, um outro participante do blog afirma que o atrito entre Globo e Dunga começou com a não convocação de Neymar e Ganso, que teriam contrato com a Seara e Nike, sendo que a primeira teria feito alto investimento na emissora para a cobertura da Copa, contando com essas convocações. Conhecidas denúncias de possíveis interesses comerciais na relação dos jogadores escolhidos para a Seleção, já ouvidas em copas anteriores, especialmente quando o marketing esportivo passou a fazer parte do cenário do futebol com tamanha intensidade. Mas, novamente, tudo na base da suposição. De qualquer forma, relatos como esse abriram outras discussões.



Portanto, o alvo dos torcedores, já neste blog, não era mais o técnico e o jornalista, mas a emissora. Um dos participantes, percebendo isso, fala: *Interessante assistir ao contorcionismo ideológico dos colegas de blog pra ficar contra a Globo, nem que para isso tenham que apoiar um maluco furioso como o Dunga. Não é necessário. Basta ficar contra os dois*”. Essa colocação vem em função de que muitos participantes falavam que a Globo estaria desmascarada, que era o fim do monopólio e que Dunga agiu certo por ter sido o responsável por ‘peitar’ a emissora. Vejam o que diz outro torcedor: *“O jornalismo realmente culmina numa crise. O povo desperta de um sono longo e profundo de manipulações, salvo poucos e pequenos comunicadores que são sufocados por essa mídia estúpida. Dunga agiu errado pelo destempero, mas muito mais acertado por enfrentar de peito aberto essa mídia estúpida”*.

Em meio a essas opiniões, um torcedor postou o resultado de uma pesquisa feita pelo site da UOL, onde, indagados sobre do lado de quem estariam, 12,30% dos torcedores estariam ao lado da Globo e 77,79% de Dunga. Vejam, o caso já deixou de ser entre o jornalista e o treinador. Um internauta postou um texto retirado do Globo Online onde o portal fala que *“A ‘família Dunga’ não é formada por respeito ao chefe, e sim pelo medo.”* Ao lembrar que o treinador da Seleção nunca aceitou qualquer crítica ou pergunta que não fosse do seu agrado, o portal fala que Dunga *“sente prazer no confronto”*. Mais a frente, relata que alguns jogadores e membros da comissão técnica falam disfarçadamente com a imprensa porque são vigiados.

Diante desse relato, um internauta lembra as questões da copa anterior, onde a liberdade de imprensa (ou de cobertura da Globo) tinham sido total. *“Tem jogador que chegou ao cúmulo de dar entrevista para o ‘louro José’ aquela marionete do programa da Ana Maria Braga, tem coisa mais ridícula do que isso?”*. No que outro torcedor, Geraldo Carvalho afirma *“a mídia de futebol no Brasil é muito ruim. Observe, quando eles convidam um ex-jogador ou treinador como o nível da análise melhora...acho que existe uma crise de ‘autoridade’ da mídia futebolística”*.

Em meio às críticas sobre o comportamento da Globo e a defesa de Dunga, um torcedor trouxe para a discussão e lembrança de todos um fato: *“Mas o problema da imprensa com o Dunga é anterior ao episódio Alex Esbocar.. Isso porque ele levou um puxão de orelhas da Fifa por fechar os treinos. Concordo quando falam especialmente da Rede Globo, mas o Dunga tem sido rude, grosseiro, mal educado em todas as entrevistas, assim como seu auxiliar Jorginho. É preciso recordar que após a convocação da Seleção ele foi ao Jornal Nacional, mas não as outras emissoras, por*





*que será?” Uma questão interessante. Se era contra a exclusividade, como Dunga justifica sua ida aos estúdios do JN? Será que ele mudou de opinião ou algo mais aconteceu no percurso?*

Edmilson Fidélis, outro participante, afirma: *“Qual rede de comunicação não quer ter exclusividade para entrevistas com a Seleção Brasileira e para isso não utiliza todos os artifícios que dispõe? Pergunto se, como jornalista, você tivesse chance de acesso ao Ricardo Teixeira e pudesse tentar uma exclusiva, não tentaria? Se, como jornalista disser que seria anti-ético eu teria que discordar. Jornalista que disser que não usa tráfico de influência não é jornalista ou mentiroso”*.

Já no blog de Paulo César Vasconcelos, os comentários são de uma outra ordem: *“por causa de um jornalista a imprensa se une, mas ninguém falou sobre Dunga”*, disse um. Outro internauta afirma: *“Infelizmente temos uma imprensa por várias vezes apenas factóide, criadora de casos, gincaneira ao invés do factual”*. Outro destaca o comportamento do jornalista no episódio: *“É palhaçada o que estão fazendo com o Dunga. Depois querem falar em educação. Quem é que estava no telefone no meio da coletiva e responder ainda: Dunga nem estou olhando para você”*.

Mais adiante, outro torcedor entra em defesa do treinador e acusa a imprensa: *“Eu acho muito bom que o Dunga tenha a coragem, a falta de educação e a deselegância de xingar alguns malditos repórteres que tentam jogá-lo contra o torcedor. Muito bem feito. A função de vocês é levar informação e não fabricá-la como estão tentando.”* No blog de Lédio Carmona um torcedor aposta que o problema da coletiva foi uma forma da imprensa ter o que falar antes do jogo com Portugal, porque a Seleção já classificada e com o acesso restrito, teria pouco interesse o noticiário sobre o Brasil.

Outro pega mais pesado com a imprensa: *No rastro do episódio Dunga x Escobar muitos jornalistas blogueiros bateram no peito e afirmaram: me orgulho de pertencer a uma classe que ajudou a derrubar a ditadura militar. A maioria desses cidadãos não tem idade suficiente para terem vivido ‘os anos de chumbo’. Pegam carona no bonde da história sem conhecer o trajeto, e ainda querem sentar na janelinha... Por fim, dada a limitada capacidade de discernimento da maioria desses jornalistas profissionais que se dedicam a cobrir o futebol e outros esportes, ou a incapacidade de se dedicarem a outros setores mais relevantes da imprensa, cabe um certo alívio ao vê-los atuar na área em que tal lacuna de formação não altera uma vírgula sequer dos destinos que essa nação tenha a cumprir para com seu povo”*.



Estamos, diante de uma crítica parcialmente fundamentada, mas que esbarra no velho preconceito contra o jornalismo esportivo, originado desde os tempos em que Lima Barreto, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos e tantos outros debatiam se o futebol merecia divulgação e projeção no país.

Outro torcedor faz uma outra ponderação que merece observação: *o próprio Felipão experimentou a ‘artilharia’ de nossa imprensa que se julga Deus*. E outro participante do blog acrescenta: *Esse negócio de brigar com a mídia é coisa para maluco ou imbecil. Não tem como se sair bem. A última palavra é sempre deles (vocês) operadores da ‘verdade’ impressa*. É bom lembrar que dois dias depois da coletiva e de toda a repercussão do fato, Dunga, em outra coletiva, pedia desculpas publicamente:

- *Quero pedir desculpas ao torcedor brasileiro, porque ele tem sempre nos apoiado e não tem nada a ver com meus problemas pessoais ou alguma outra situação. Como brasileiro e como torcedor, só quero que me deixem trabalhar. O torcedor tem que estar feliz com a seleção, disse o treinador*.

Enquanto Dunga fazia esse depoimento e chorava ao falar da saúde do pai, o jornal O Globo publicava na editoria de Ciência, uma matéria com o título “Mau humor em jogo”, tendo como subtítulo “Ataques de impaciência de Dunga chamam a atenção para temperamentos extremos. No texto, chama a atenção o trecho que diz que “*Dunga é um clássico do mau humor... Um pergunta interpretada como provocação e o treinador se descontrola*”.

Na mesma edição do jornal, só que no espaço reservado à opinião, o jornalista Marcos de Castro escreve um texto com o título “A Copa sem repórter”. Diz ele: “*Mas que acontecimento (eu quase ia usando uma das palavras da moda: evento) é esse, o mais importante do mundo esportivo, que não atrai um único repórter? Pelo menos é o que se deduz a julgar pela fala dos repórteres. O técnico Dunga, desde a chegada à África do Sul, parece que vai resolver tudo evitando a presença de repórteres nos treinos. E nas entrevistas coletivas passa sempre a impressão que repórteres, para ele, são inimigos. Mas, é forçoso reconhecer, além de Dunga, os próprios repórteres não gostam de si mesmos. É a conclusão lógica que a que se chega quando todos eles fogem da palavra que os designa. Estranhamente, só usam mesmo o termo jornalista*.”.

Poderia alguém dizer que se trata de uma bobagem esse tipo de questionamento, mas passa a fazer sentido quando o jornalista esclarece seu ponto de vista. Diz ele que jornalista é também quem fica na retaguarda, na produção, na edição e em outras atividades. Mas quem vai apurar é o repórter. “*Repórteres foram, são e serão sempre a*





*parcela profissional a desempenhar a mais nobre função do jornalismo: a busca e a transmissão da informação.*

Falta-nos trazer comentários feitos no blog de Marcelo Barreto pelos leitores. O primeiro que chama a atenção é o de Cláudio Lima. *“Quando vi a atitude do ‘nosso’ técnico pensei: queria ver ele fazer isso com o João Saldanha ou o Mário Vianna. Há muito tempo que a imprensa deveria dar as costas para esse indivíduo. Se ele não gosta de falar, que se faça a vontade dele. Só não sei se os patrocinadores vão gostar”*. Outro internauta cumprimentou Barreto pelo texto mas diz discordar de seu ponto de vista. *“A postura de alguns jornalistas quando vão transmitir uma reportagem nos passa uma forma diferente, sem imparcialidade, pondo opiniões e brigas pessoais. O povo brasileiro quer curtir, saber notícias e não opiniões sobre a postura da Seleção Brasileira.”*

Ainda neste espaço de comentários, um torcedor participou sugerindo como alternativa à cobertura da TV, a internet: *“a internet, com todos os prós e contras é uma ótima ferramenta contra as famosas edições de notícias para um povo que é prisioneiro e muito dependente do Jornal Nacional da ‘toda poderosa’*. E, fechando os comentários, um bem curioso, de uma leitora, chamada Teresa. Diz ela: *“vocês, jornalistas, não são meus intermediários com a notícia”*.

## **E COMO FICAMOS?**

Todas essas questões colocadas nos fazem reforçar o sentimento já apontado pelo NP de Comunicação e Esporte, em seu encontro em Curitiba, de que é urgente uma reflexão sobre os caminhos do jornalismo esportivo. O fato ocorrido entre Escobar e Dunga acabou sendo mais um pano de fundo para que o papel da imprensa na cobertura esportiva fosse colocado em discussão. Qualquer crítica que se faça não justifica o comportamento de Dunga. Desqualificado para o cargo de treinador e para a função de homem público em que foi colocado. Digo, foi colocado, porque acho que nem ele acreditava que, sem histórico nenhum como treinador recebesse o “presente” de Ricardo Teixeira, presidente da CBF.

Algumas questões colocadas pelo torcedor nos blogs examinados, mostram que o exercício profissional do repórter esportivo está sendo muito mais observado e criticado do que se imagina. A verdade é que temos problemas sérios de conduta profissional, especialmente depois que as coberturas foram limitadas pela atuação das assessorias. Aliás, como ela fez falta no trato da comissão técnica com os jornalistas na



África do Sul. O próprio Rodrigo Paiva, assessor, deve ter enfrentado muitas situações que dariam ou darão um bom livro de como não conseguir “domar” um assessorado. Também a transformação do esporte, em especial do futebol, num grande negócio, mudou em muito a relação imprensa x clube e imprensa x jogador.

O que não muda é o princípio ético da profissão, o que não muda é o compromisso com a informação. E se aos olhos do público isso tem deixado a desejar, chegou a hora de rever o caminho que se seguiu. A relação de alguns treinadores com a imprensa esportiva vem sendo complicada já há algum tempo. O programa da Sportv (Sportv Repórter) mostrou, recentemente, um debate entre os dois lados e com personagens como Muricy, Leão, Celso Roth e Parreira, apresentando as queixas de um lado e de outro. Os treinadores reclamando do despreparo dos jornalistas e se queixando das coletivas. Os repórteres lamentando o despreparo dos técnicos quanto às críticas e perguntas mais duras e também se queixando do engessamento das coletivas.

O episódio que envolveu Alex Escobar serviu, a meu ver, para dar uma sacudida na imprensa, que vem sendo desrespeitada por muitos técnicos no dia-a-dia do nosso futebol, sem qualquer reação, seja do profissional desrespeitado, da empresa para qual ele trabalha ou para o sindicato da categoria. Vemos uma série de atitudes irracionais dos treinadores e sempre um silêncio comprometedor. Em bons tempos de imprensa esportiva, saíam todos do local e deixariam o treinador sozinho. O fato, pelo menos trouxe um princípio de revolta. Não que a imprensa se coloque no nível ou acima de Deus, como alguns internautas comentaram, mas que ela se ponha no nível de um setor relevante para a sociedade brasileira, sob pena de cair no descrédito.

Aliás, boa parte das opiniões demonstradas neste artigo conduzem a essa reflexão. Ao se permitir, nos últimos tempos, a desqualificação do repórter nas coletivas pelos treinadores, abrimos espaço para os torcedores começarem a duvidar da nossa capacidade. Por outro lado, quando o público diz que nós não somos mais seus intermediários, que desconfia da seriedade da cobertura e diz que quer mais informação do que opinião, é hora de refletir.

Num cenário em que a década que viveremos aponta para uma super exposição do setor esportivo da imprensa, com a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas em 2016, nosso jornalismo tem que passar para uma avaliação que passa pela postura profissional, pela pauta, pela angulação da matéria e para ver como sai deste nó imposto pelos compromissos comerciais e estruturais que foram colocados com a evolução do esporte, do marketing e da própria comunicação.



Mais do que nunca, a expressão de João Saldanha, de que o torcedor não é bobo e sabe muito bem do que estamos falando, ou seja, divide conosco conhecimento sobre o tema, nos resta fazer bem o nosso papel. E isso passa, por exemplo, em encontrar uma saída bem criativa quando uma seleção é trancafiada na concentração. E, convenhamos, a cobertura da TV Globo sob o aspecto de reportagem foi muito boa. Um time que procurou sempre trazer pautas diferentes, textos criativos em cima de jogos e de uma copa de nível técnico bem discutível.

Os números sobre a opinião pública favorável a Globo ou Dunga, embora o outro personagem fosse o jornalista Alex Escobar, talvez (quase certo) mudaram a partir do momento em que a Seleção Brasileira foi desclassificada. Mais do que a estatística, o que ficou de todo esse conflito foi que a opinião pública deixou o fato de lado ou utilizou-se do fato para questionar o que tem recebido de informação, criou o movimento “Cala a boca Galvão” e depois o “Cala a boca Tadeu Schmitd”, tentou um protesto contra a Globo sugerindo que todos vissem o jogo contra Portugal pela Bandeirantes e, no final, ainda formou um coro de “burro” para Dunga.

Os desafios postos para a cobertura jornalística passam, principalmente, por sair da mesmice. Se muitos entendem que a coletiva não é a melhor forma de cobrir um pós-jogo, que se busque outra forma, renegando a coletiva um papel menor. Se não se quer mais a limitação da escolha das assessorias de um jogador para todos entrevistarem, que se busque outra alternativa. Alguns veículos e profissionais têm feito isso. O debate está aberto e uma crise visível de respeito ao papel da imprensa esportiva exposta. Resta saber como resgatar credibilidade, importância e confiança do torcedor para que voltemos a ser os portadores das notícias, os intermediários, independente delas serem boas ou más, mas que sejam sempre compromissadas com nosso juramento de busca da verdade.